

IX Semana de História

O Ensino e a Pesquisa de História no Amapá: Perspectivas e Desafios

Borracha e cotidiano: relação seringueiro/patrão no município de Afuá-PA de 1939 a 1945

MAURÍCIO GUEDES DE NEGREIROS*

Este texto foi desenvolvido com o intuito de analisar, através de pesquisa, o cotidiano dos moradores do município de Afuá¹ no estado do Pará, dentro de um período em que a borracha estava novamente em destaque, tanto no âmbito nacional quanto no internacional. Experiência que foi diferente do primeiro boom da borracha, ocorrido na segunda metade do século XIX, em que chegou à Amazônia uma leva de migrantes, principalmente nordestinos para trabalhar na imensa região amazônica. Já no início da década de quarenta do século XX, a chegada, outra vez, dos migrantes nordestinos ocorre para suprir outra necessidade. E que necessidade é esta? Uma nova e grande produção de borracha para alimentar os aliados na Segunda Guerra Mundial, visto que a produção asiática de borracha estava sobre o domínio dos japoneses.

Tanto na vinda de migrantes do século XIX quanto na do século XX, houve alterações no cotidiano da população amazônica. Por um lado, segundo João Pacheco de Oliveira Filho (1979), “[...] o excedente populacional é sempre criado pela destruição do pequeno produtor”, por outro, a chegada dos “estrangeiros nordestinos” em busca das melhorias financeiras, das promessas governamentais e/ou fugindo da seca no sertão, afetou o cotidiano dos moradores nativos da região.

Na primeira década do século XX, começou o processo de decadência da borracha na Amazônia, da mesma forma que houve o “boom” da borracha, assim foi à queda do preço. Bárbara Weinstein (1993) observa sobre o assunto:

Para tornar pior o que estava mau, a causa real dessa febre de última hora da borracha era exatamente aquilo que iria desferir o golpe fatal na economia extrativa da região. Após vinte anos de trabalho dedicado de botânicos e de empresários britânicos, as plantações de hévea na Ásia tinham, afinal, começado a produzir borracha em quantidades consideráveis.

* Graduando em História na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

¹ O município de Afuá está localizado ao norte do Marajó, na Microrregião dos Furos de Breves, limitando-se ao norte com a Ilha Caviana, ao nordeste com o município de Chaves, ao sul com os municípios de Anajás e Breves, ao sudeste com o município de Anajás, ao sudoeste com os municípios de Breves e Gurupá leste com o município de Chaves e a oeste e noroeste com o Estado do Amapá.

IX Semana de História

O Ensino e a Pesquisa de História no Amapá: Perspectivas e Desafios

2

O monopólio da borracha na Amazônia chegou ao fim, pois o cultivo asiático oferecia um preço mais atraente para o mercado mundial. As elites, os políticos locais, não atentaram para a queda inicial do preço, pois acreditavam que era apenas uma crise temporária, como as que ocorreram antes. Mas, a decadência chegou à região amazônica, levando à falência os “barões da borracha” e todo o resto da rede aviação: a casa exportadora, a casa aviadora, seringalistas e os seringueiros. Porém, a economia da borracha na Amazônia ressurgiu com o advento da Segunda Guerra Mundial, pois os japoneses, ao conquistar as reservas de borracha na Ásia, forçaram os Estados Unidos a buscar alternativas para o abastecimento deste produto estratégico. Isto fez o olhar dos aliados se voltar para o Norte do Brasil. Todo o processo para trazer os nordestinos para a floresta amazônica é traçado novamente, tendo o Governo Federal como o principal mediador dessa migração, principalmente através da propaganda oficial realizada por meio do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

Diferente da primeira grande experiência, feita na segunda metade do século XIX, a migração de nordestinos no período da Segunda Guerra teve incentivo e promessas do Governo Federal. Segundo Maria Verônica Secreto (2007), “entre os objetivos do DIP, estava centralizar, coordenar e orientar a propaganda e auxiliar os ministérios e as entidades públicas e privadas sobre a propaganda nacional [...]”. Dessa forma, o Governo incentiva maciçamente os nordestinos a caminhar para o oeste, para dentro da Amazônia, mostrando através da propaganda que na Amazônia havia tudo, só faltando o trabalhador nordestino para completar o cenário.

É importante saber qual importância social da mulher neste meio machista, onde o trabalho nas estradas das seringas exige excessiva força. Cristina Scheibe Wolff (1998) ao abordar a história social das mulheres do Alto Juruá-AC, dá visibilidade ao processo de construção de uma sociedade que ali se instalou, examinando com atenção confrontos culturais, temporais entre sociedade e o meio ambiente. Neste trabalho a autora mostra a mulher e seus desempenhos dentro da historicidade daquela região como sujeito social integrante e importante para a implantação, crescimento e desenvolvimento daquela sociedade.

João Pacheco (1979), em sua obra, traça um perfil de duas formas de organização do trabalho, que impulsionaram a expansão da fronteira da Amazônia. Inicialmente, o autor usa uma metodologia analítica das peculiaridades conceituais de autores sobre a ótica dos

seringais em relação à vida social e econômica na Amazônia. Porém, ver o seringal como fronteira é o objetivo principal da análise do autor:

É justamente em um conjunto de colocações teóricas referentes a fronteiras (...) que esse trabalho procura tratar o seringal. Não se trata, portanto nem de uma história geral da Amazônia, nem de uma nova descrição do ciclo da borracha, nem de um estudo sobre o seringal em determinada área, mas sim de uma esquemática tentativa de entendimento de como o seringal se constitui como fronteira e que regras guiam sua expansão e seu processo de transformação.

Compreender a expansão das fronteiras amazônicas, através dos seringais, exige pôr em foco a economia da borracha, onde lembrar que os nordestinos chamados de brabos adentraram a floresta para ampliar a produção do látex. Porém, há peculiaridades entre o caboclo e o brabo. Segundo o autor, o caboclo morador da região tem uma produtividade reduzida, com mão-de-obra familiar e com outras atividades para sua subsistência. Já os brabos, nordestinos que vinham trabalhar nos seringais, tinham uma produtividade elevada, trabalhavam unicamente na produção da borracha e viviam isolados nas estradas. A análise desses dois modelos é importante para entender como a fronteira vai se alargando e fixando mais adentro seu limite durante o período em que força econômica da borracha “quebrava arames”. Nossa pesquisa segue na busca de compreender o cotidiano deste caboclo morador da região amazônica, que envolvia toda sua família na extração do látex e, que comercializava com o patrão a produção concluída.

Ao analisar os autores citados acima, percebe-se que há várias convergências (em se tratando da economia gomífera) entre eles, como: a expansão de uma fronteira movediça, termo usado respectivamente por João Pacheco de Oliveira Filho e Cristina Wolff; o reconhecimento do desenvolvimento das cidades de Manaus e Belém; e o destaque dado à chegada de nordestino para trabalhar na extração da borracha. Ou seja, no âmbito geral, não fogem da abordagem adotada por vários outros estudiosos sobre a Amazônia, durante a economia da borracha. Mas, o trabalho de Cristina Wolff, diferentemente dos dois outros autores (João Pacheco de Oliveira Filho e B. Weinstein), esmiúça o cotidiano da mulher pertencente às populações menos favorecidas dentro de uma sociedade de ostentações. Ela não só pesquisa as fontes escritas, como usa a fonte oral (depoimentos) ao morar em 1995 dentro da Reserva Extrativista do Alto Juruá (REAJ). Portanto, o trabalho de Cristina Wolff difere do de Ana Maria Daou (2000), que retrata o luxo da mulher na Belle Époque amazônica e do de João Pacheco que discute a força de trabalho masculina (caboclo e o

brabo) na expansão das fronteiras, mas, esquece o valor da mulher que trabalhou incansavelmente para o crescimento fronteiriço da Amazônia.

Meu projeto se aproxima da linha de pesquisa da Cristina Scheibe Wolff, que enfoca o cotidiano da unidade doméstica que compunham os seringais. Pretendo usar e fontes como: artigos de jornais, depoimentos. Buscarei analisar a história de uma comunidade dentro de um contexto vivido no período da Segunda Guerra Mundial.

A corrente historiográfica que usarei para a pesquisa é a Nova História Cultural, segundo Ronaldo Vainfas (1997):

A Nova História Cultural não recusa de modo algum as expressões culturais das elites ou classes “letradas”, mas revela especial apreço,..., pelas manifestações das massas anônimas: as festas, as resistências, as crenças heterodoxas... Em uma palavra, a Nova História Cultural revela uma especial afeição pelo informal e, sobretudo, pelo popular.

Analisar o cotidiano, a vida social de pessoas que viveram embrenhadas nas matas amazônicas, principalmente as que moraram no município de Afuá-Pa, em busca do “ouro negro” no período em que ocorreu a Segunda Guerra Mundial nos levará a uma intensa pesquisa de análise de fontes. Para responder tais questionamentos usaremos, entre outras fontes, os depoimentos.

Segundo Alessandro Portelli (1996), a História oral e as memórias:

não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias. A dificuldade para organizar estas possibilidades em esquemas compreensíveis e rigorosos indica que, a todo momento, na mente das pessoas se apresentam diferentes destinos possíveis.

Nesta pesquisa, os depoimentos serão usados para conceber outra história, ainda pouca vista, ouvida e estudada. A história de comunidades distantes dos grandes centros urbanos. Essa fonte nos possibilitará conhecer parte do cotidiano de indivíduos em suas comunidades, dentro do recorte cronológico e temporal definido. Os depoimentos serão coletados através de entrevistas gravadas e posteriormente transcritas e editadas.

Outra fonte a ser usada são os artigos de jornais. Ao analisar os jornais, é essencial, segundo Cardoso e Vainfas (1997): “relacionar texto e contexto: buscar os nexos entre as ideias contidas nos discursos, as formas pelas quais elas se exprimem e o conjunto de determinações extratextuais que presidem a produção, a circulação e o consumo dos discursos”.

O objetivo de nosso estudo é analisar o cotidiano de famílias que trabalharam nos seringais amazônicos para:

- verificar qual o posicionamento das famílias que trabalhavam nos seringais com o seu “patrão”.
- compreender o cotidiano familiar dentro da comunidade.
- identificar qual a visão dessa comunidade em relação ao soldado da borracha e o advento da Segunda Guerra Mundial.
- entender a obrigação da mulher e dos filhos diante de um trabalho demasiadamente desgastante, como a produção do látex.

Como projeto de pesquisa há também as hipóteses relacionadas aos objetivos. São estas hipóteses:

- a relação entre as famílias seringueiras com o “patrão” é do modelo de compadrio, ou seja, o “patrão” supre quase todas as suas necessidades, abrindo também espaço para a agricultura familiar, isto é, desde que aquele grupo familiar esteja vinculado a ele.
- o dia-a-dia da comunidade é de excessivo trabalho para a produção do látex, pois os seringueiros trabalham como metas e datas. E reúnem-se para descontração e diversão, geralmente em festas religiosas.
- havia dificuldades de ser ter notícia nacional ou internacional, como o da Segunda Grande Guerra Mundial, nas comunidades distantes dos grandes centros no Brasil. Principalmente na região amazônica. Portanto, os seringueiros da localidade de Afuá-Pa e ilhas próximas estavam alheios à importância de seu “suor” para o grande acontecimento mundial e não se reconheciam como soldados da borracha.
- mulheres e filhos, sempre estiveram envolvidos, direta e indiretamente, no aumento da renda familiar, dentro dos seringais. Nas regiões das ilhas do Pará essa mão de obra foi bastante utilizada. Riscando seringueiras, coletando o leite, defumando borracha, etc.. Ou seja, além dos afazeres domésticos, e de cuidar da roça, as mulheres e as crianças tinham suas tarefas, como seringueiros, a cumprir dentro do processo de produção do látex.

São objetivos operacionais da pesquisa:

- analisar artigos de jornais com a finalidade de entender as relações sociais locais do período estudado;
- analisar documentos de vários arquivos (paróquia, Fórum, delegacia policial, entre outros), no município de Afuá-PA, para compreender o cotidiano familiar e a relação entre estas famílias dentro da comunidade;
- compreender, através de depoimentos, o cotidiano de uma comunidade inserida dentro da floresta amazônica diante do contexto mundial da Segunda Guerra.

LISTA DE FONTE

Biblioteca Elcy Lacerda

- Artigos de jornal;

Comunidades de depoentes

- Moradores antigos do município de Afuá-Pa.
- Filhos de moradores lotados no município de Afuá-Pa, ilhas circunvizinhas e/ou em Macapá-Ap.

BIBLIOGRAFIA

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ªed. São Paulo: companhias das letras, 1994.

CANCELA, Cristina Donza. **Casamento e relações familiares na economia da borracha. Belém (1870-1920)**. Tese (doutorado em História social) defendida na USP, 2006, p. 182-239, 285-318.

CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. História e análise de textos. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. 16ª Edição. Rio de Janeiro. Elsevier. 1997.

DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque na Amazônia**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. Ed. 2000.

GRANDIN, Greg. **Fordlândia**: ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na selva. Rio de Janeiro: Rocco, 2010, p. 35-46, 279-330.

HEMMING, John. Os índios e a borracha. In: **Fronteira amazônica**: a derrota dos índios brasileiros. São Paulo: EDUSP, p. 362-392.

HUERTAS, Daniel Monteiro. **Da Fachada atlântica à imensidão amazônica**: fronteira agrícola e integração territorial. São Paulo: Annablume, 2009, p. 105-163.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

MACIEL, Laura Antunes. **A nação por um fio**: caminhos, práticas e imagens da “Comissão Rondon”. Tese de doutorado em História, PUC-SP, 1997, p. 68-135.

MARTINELLO, Pedro. **A “Batalha da Borracha” na Segunda Guerra Mundial e suas consequências para o vale amazônico**. Tese de doutorado em História Econômica, USP, 1986, p. 110-143, 292-329.

MEIHY, José Carlos Sebe; HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: contexto, 2007.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. O caboclo e brabo: notas sobre duas modalidades de força de trabalho na expansão da fronteira amazônica no século XIX. **Encontros com a civilização brasileira**. N° 11, 1979, p. 101-104.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n° 2, 1996, p. 59-72.

RIBEIRO, Darcy. A Amazônia extrativista. In: **Os índios e a civilização**: integração das populações indígenas no Brasil moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 35-62.

ROSEMBERG, André. SOUZA, Luís Antonio Francisco. Notas sobre o uso de documentos judiciais e policiais como fonte de pesquisa histórica. **Patrimônio e Memória**. UNESP-FCLAs-CEDAC, V. 5, N.2, P. 168-182 (2009)

SECRETO, Maria Verônica. **Soldado da borracha**: trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas. São Paulo. Fundação Perseu Abramo, 2007, p. 67-88.

SIMONIAN, Ligia T. L. **Mulheres da Amazônia brasileira**: entre o trabalho e a cultura. Belém: UFPA/NAEA, 2001.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado** — História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. 16ª Edição. Rio de Janeiro. Elsevier. 1997.

WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia**: expansão e decadência (1850-1920). São Paulo: Hucitec, 1993.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Marias, Franciscas e Raimundas**: uma história das mulheres da floresta Alto Juruá, Acre 1870-1945. 1998. 284f. Tese (Doutorado em História) Universidade de São Paulo, SP. 1998.